

**Resenha de “Clínica do *Lebenswelt*. Psicoterapia e psicopatologia fenomenológica”. Arthur Tatossian & Virgínia Moreira. Editora Escuta, São Paulo, 2012, 304 páginas.**

Guilherme Messas<sup>1</sup>

O elogio da ambiguidade: as várias dialéticas de Arthur Tatossian e Virgínia Moreira

Embora não seja simples a delimitação exata daquilo que de certo modo vagamente chamamos desde o início do século XX de tradição fenomenológica, uma coisa é certa: toda fenomenologia, em suas diversas vertentes e modelagens, procura situar-se em uma posição intermédia entre dois escolhos intelectuais que julga típicos do *mainstream* da contemporaneidade e que recusa peremptoriamente. De um lado, o mecanicismo originado no positivismo, que coloca o eixo das ciências na procura pelas leis gerais de produção dos fenômenos, interessando-se, portanto, mais pelas causalidades eficientes – preferencialmente lineares – do que pelos fenômenos propriamente ditos. De outro lado, o idealismo filosófico, desarticulando o pensamento de seu mundo originário e concendendo-lhe um estatuto de independência que, no limite, acaba também se desinteressando pelo fenômeno e celebrando apenas a sua representação. Ambos, na realidade, retroalimentam-se e se autorizam reciprocamente: um eu espectador, dotado da capacidade de representação, conhece um mundo exterior, fundamentado na extensão espacial, na qual os fenômenos relacionam-se mecanicamente. E justamente é reservada ao mundo mecânico a causalidade independente porque o eu não participa diretamente do mundo. Sejam quais forem as críticas que possamos lançar contra essa crença metafísica

---

<sup>1</sup> Médico psiquiatra. Mestre em Medicina e Doutor em Psiquiatria pela USP. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural. Coordenador da Especialização em Psicopatologia Fenomenológica da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Email: messas@fenomenoestrutural.com.br.

(1984) que a modernidade lega à contemporaneidade, não podemos nos esquecer de que o solo que a inspirou foi, já com Descartes, a **necessidade da segurança e da certeza**. O modelo contemporâneo majoritário é, acima de tudo, claro e evidente; e desses dois atributos retiram sua vitalidade e aceitação.

Essa opção metafísica de nossa época evidentemente contamina as ciências psicológicas (deixemos de lado a indagação sobre a própria validade do termo “psicológico”, que já seria talvez fruto dessa bipartição), reproduzindo a mesma dualidade de outros campos do pensamento. É natural para nossas ciências psicológicas que investiguemos a mecanicidade do acontecer psicopatológico a partir de uma perspectiva na qual o eu do observador permaneça exterior à experiência do outro. Karl Jaspers, analisando as limitações decorrentes dessa metafísica nas ciências psicológicas, demonstra como tanto a psicanálise freudiana quanto aquilo que atualmente chamaríamos de neurociência são, atualizam, de fato, a mesmíssima visão de mundo (1960): são ambas mecanicistas. Ambas almejam – já tomando isso como pressuposto, mesmo que nunca anunciando claramente! – um mundo seguro, do qual podemos ter conhecimento certo e universal. A incompletude do saber ficaria, assim, meramente adiada, aguardando apenas a melhora da tecnologia – no caso da neurociência – ou o convencimento da cultura acerca da dinâmica oculta do inconsciente – no caso da psicanálise freudiana.

A fenomenologia recusa o dualismo insosso, fazendo o pensamento reabitar o mundo. A retomada do mundo não implica abandono das eventuais leis gerais da matéria, nem tampouco da capacidade do eu de se distanciar serenamente do real: antes, acarreta o abandono metódico da segurança e da certeza epistemológicas. Na filosofia, talvez o autor que mais se tenha dedicado ao mergulho no mundo encarnado, cheio de mistérios indecifráveis, foi Merleau-Ponty. Para isso, assume a **ambiguidade** na investigação do real como ponto de partida e, reciprocamente, de chegada, de uma empreitada que reiteradamente investe no mundo sem a ambição de decifrá-lo. Recolhe, por sua vez, de seu mestre Husserl, na maturidade da obra deste, um conceito capital que, de certo modo, emblematiza o que é um pensamento fenomenológico: o *Lebenswelt*, o mundo vivido. O mundo vivido é aquele preliminar a qualquer manifestação da razão, aquele no qual habitamos e que nos constitui e nos circunda. A força do conceito é tamanha que mesmo

um autor da psicopatologia fenomenológica não diretamente tributário de Husserl, como Minkowski, consagra sua maior obra ao tempo *vivido* (1995).

Assim, retomando a indagação inicial dessa resenha, poderíamos dizer que toda fenomenologia é um percurso pelo interior da ambiguidade, um trajeto que parte da situação original da existência e, recolhendo todas as leis gerais reconhecíveis pelas ciências positivas, as faz enraizar na **singularidade** de cada existência, único palco no qual podem ganhar sua dimensão total humana. Singularidade de situação e ambiguidade constitucional são sinais diacríticos da fenomenologia. Deste modo, uma obra *soi-disante* de extração fenomenológica apenas pode ser avaliada pelo tratamento que dá à ambiguidade e à singularidade. É assim que devemos nos debruçar sobre a obra de Virgínia Moreira e Arthur Tatossian. As questões que a ela dirigimos são, portanto: há coerência entre sua profissão de fé fenomenológica e o conteúdo desenvolvido? E, caso haja, como assumir a ambiguidade e a singularidade sem prejuízo da comunicação, sem que caíamos em um caos conceitual? Ou sem que, em nome da comunicação, nos deixemos, na realidade, levar por uma clareza que no limite anule a própria ambiguidade? A resposta a essas questões que pretendemos resumidamente apresentar no texto que segue passa pela discriminação de uma estratégia de desenvolvimento da obra que denominarei dialética. Na dialética, diferentemente do que se vê no dualismo contemporâneo, as partes constituintes de uma relação jamais se excluem. Pelo contrário, mantém-se em uma **relação polar** constante, revelando seus pontos de tensão convergentes e divergentes. Se o pensamento dualista procura representar em definitivo as leis gerais, a dialética fenomenológica apura seu olhar para navegar incerta pelas polaridades de um real dinâmico sobre o qual nenhuma decisão final é assegurada. O dualismo “descobre” o real e pretende aniquilar suas contradições; a fenomenologia apenas revela as contradições sempre mutáveis do real. Passemos à obra, apresentando quatro de suas polaridades dialéticas, que nos pareceram revelar aquilo que há de melhor no livro.

Primeira polaridade dialética: tradição x renovação. Virgínia Moreira e Arthur Tatossian não escreveram o livro juntos. Assim não poderia ser, já que a primeira parte do

livro é composta de artigos de Tatossian publicados em diversas revistas ao longo das décadas de setenta e oitenta do século vinte e a segunda apresenta artigos de Moreira (com colaboradores) mais recentes ou originais. Embora Moreira assuma sua inspiração em Tatossian, a iniciativa de publicar uma coautoria *post mortem* sinaliza uma atitude original. Moreira faz reviver esse luminar da psicopatologia francesa não como ponto de referência distante, mas como presença palpitante que, a seu lado, faz fluir a correnteza da psicopatologia fenomenológica. A tradição, representada por Tatossian, não se anuncia na forma de reverência a uma efígie, mas como continuidade atual. Por outro lado, a renovação não se assume como fidelidade ao pensamento, mas como criação pessoal da obra. A renovação em Moreira não sucede apenas temporalmente uma contribuição acabada, mas ocorre **simultaneamente** a ela, num turbilhão de reflexões para o qual o tempo histórico é apenas casual. Moreira não recria a partir de Tatossian, mas inventa uma parceria que os irmana horizontalmente como psicopatologistas fenomenólogos. Com esta inovação, segue, ainda que inadvertidamente, o postulado fenomenológico de Minkowski, que afirma na abertura de seu *La schizophrénie* (2002): “...eu não saberia dizer (em sua obra) o que é meu e o que não me pertence. Nada me pertence, já que tudo, felizmente, se vincula aos trabalhos de outros; mas, por outra parte, tudo me parece meu já que somente admiti aquilo que pude passar no crivo de minha própria experiência...” (p. 31). Nesse sentido, Tatossian e Moreira não são fiéis a nenhum fenomenólogo nem tampouco entre si. Se alguma fidelidade houve na criativa parceria, foi a fidelidade à ambiguidade do tempo histórico, no qual presente e passado são momentos de um todo único em contínua expansão.

Segunda polaridade dialética: psicopatologia x filosofia. A meu ver, a tomada de posição dos autores em relação a esta tensão é o ponto apical de toda a obra, aquele que todo psicopatologista jamais deveria deixar de manter em sua consciência. Embora a psicopatologia tenha se afirmado como ciência autônoma já em 1913 com a *Psicopatologia Geral* de Jaspers (1959), o ramo estritamente fenomenológico dela frequentemente se deixa absorver pela filosofia coirmã. Desde autores clássicos fundamentais, como Binswanger, por vezes a necessidade de se fazer uma espécie de “filosofia aplicada” vem espreitando a psicopatologia, ameaçando-a continuamente de se tornar a irmã pobre – já que seria

meramente “aplicada” – de um pensamento maior, filosófico, este sim digno de supremo valor. A psicopatologia seria entendida como uma concessão inevitável que a verdadeira fenomenologia teria de fazer para ser impressa na clínica, sempre de maneira imperfeita e talvez ilegítima. O pressuposto disso é que a clínica seria menor que o pensamento filosófico. Os autores se colocam frontalmente contra essa assimetria relacional, lembrando expressamente em diversos pontos do livro que psicopatologia fenomenológica e filosofia fenomenológica são campos distintos de saber, com interesses, metodologias e possibilidades específicas. Essa especificidade, contudo, recusa uma independência completa entre ambas. Psicopatologia e filosofia, embora recortando singularmente as realidades às quais se dedicam, dialogam continua e fecundamente entre si, constituindo uma **independência interdependente**. No que se refere à psicopatologia, o diálogo não se limita a uma eventual importação pontual de conceitos filosóficos, mas promove a criação original de uma reflexão psicopatológica que retira da filosofia acima de tudo inspirações gerais e impressionísticas. Estas apenas assumem um estatuto psicopatológico à medida que se demonstrem válidas no cotidiano da clínica. Esta é soberana na validação dos conceitos de sua seara. A posição dos autores alinha-se à fórmula sensata de Lantéri-Laura, que afirma, sempre em defesa da autonomia da psicopatologia e da sua irreducibilidade ao pensamento abstrato, que “...a única questão puramente fenomenológica nessa esfera (da psicopatologia) é a da essência da psiquiatria” (Lantéri-Laura, 1982, p. 59). O tema capital da psicopatologia fenomenológica são **as condições de possibilidade das manifestações patológicas do psiquismo** e é sobre esse temário que se desdobram os artigos da coletânea de Tatossian e Moreira.

Já o título demonstra a opção, na obra resenhada, pelo princípio de independência interdependente. “Clínica do Lebenswelt” é, a um só tempo, referência à prática dos profissionais diante do adoecimento humano – contida no substantivo “clínica” – e diálogo estreito com a filosofia expresso na locução adjetiva “do Lebenswelt”. O leitor encontrará na coletânea de artigos um convite à psicopatologia mais próxima possível do paciente que enfrentará no seu dia a dia, junto a uma reflexão difusa e ambígua da filosofia fenomenológica dissolvida nos textos técnicos. Sem nenhuma dúvida, os autores delimitam seu campo específico, a psicopatologia fenomenológica, sem esquecer suas imbricações com uma filosofia que lhe serve de apoio e inspiração.

Terceira polaridade dialética: universalidade x particularidade. De certo modo, essa dialética nasce diretamente da posição geral da fenomenologia no panorama do pensamento de século XX. Recusando a identificação da ciência com a positividade de relações causais mecânicas, a psicopatologia fenomenológica recusa a um só tempo duas armadilhas da contemporaneidade psicopatológica. De um lado, o nominalismo ontológico no qual se autoriza a delimitação de uma patologia apenas por seus aspectos descritivos essenciais, apenas pela somatória de sinais, sintomas universais e independentes do sujeito no qual ocorrem. De outro lado, também é afastada a noção de supremacia de um dinamismo biográfico totiexplicativo pelo qual todas as patologias da mente seriam reduzidas a fatos da vida mal processados; nesta perspectiva, o particularismo biográfico rejeitaria qualquer universalidade. A posição fenomenológica fundamental a respeito dessa polaridade é, desde Merleau-Ponty, a inserção da essência na existência ou, em outras palavras, do universal no particular. Em termos psicopatológicos, a dialética que assim se inaugura é a da compreensão simultânea do diagnóstico – como essência universal – e sua manifestação no indivíduo histórico particular. Essa é a linha de força prevalente ao longo dos ensaios da obra. Examina-se a depressão melancólica, as esquizofrenias, os delírios e obsessão-compulsão em uma perspectiva dual universal-particular. Toda patologia é uma alteração típica de condições de possibilidade, respondendo assim a uma tipificação nosológica. Mas é, ao mesmo tempo, um modo único pelo qual uma existência singular é engolfada nessa tipicidade patológica. Não há solução para essa tensão dialética. O psicopatologista que se encastela seguro na compreensão do universal patológico arrisca-se a perder-se em um teoria infértil; e aquele que recusa a tipicidade perde a capacidade de aproximar-se das dores vivenciadas por seu paciente naquele momento de sua vida, abandonando saberes consolidados acerca da universalidade do *pathos*. O particular e o universal entrelaçam-se intimamente por todo o livro. Esta é a polaridade mais ambígua de toda a coletânea e, por conseguinte, a mais expressiva e contundente da *Weltanschauung* dos autores.

Quarta polaridade dialética: psicoterapia x terapias biológicas. Este é, como vimos, um livro de clínica. E de clínica na acepção genuinamente fenomenológica da palavra.

Toda clínica visa à tomada de atitude diante de um semelhante em estado de sofrimento, ou seja, comporta uma noção de terapêutica. Por todos os motivos elencados acima, uma clínica fenomenológica não poderia se abster de problematizar as tensões da clínica. Estas decalcam aquelas que acabamos de ver acima. Nossa época dualista separa convenientemente, grosso modo, as terapêuticas entre psicológicas e biológicas. O pensamento ingênuo entende essa separação como real, já que de fato ela é autoexplicativa. Normalmente, entende-se que ambas devam associar-se em um tratamento específico. Entretanto, essa noção de associação pura e simples, de somatória de estratégias, permanece a anos-luz de capturar o genuíno sentido de uma clínica que seja ao mesmo tempo universal e particular. O pensamento ingênuo de nossa época costuma conceder às terapêuticas biológicas o papel de enfrentamento das patologias como universais: uma depressão, por exemplo, deverá ser tratada com antidepressivos. Concede, por outro lado, às psicoterapias o papel de enfrentamento do particular, da vida unitária em sofrimento; em geral, pela metodologia de ampliação da consciência (quando não, em termos mais atuais, pela correção de comportamentos).

Embora não pareça ser um interesse expresso da obra, Tatossian e Moreira superam esse dualismo, colocando a clínica também no terreno da dialética. A terapêutica biológica não pode ser resumida a um protocolo estabelecido em termos de ciência positiva. O médico Tatossian nos lembra da extrema dificuldade de interpretar a ação de um fármaco diante de um paciente singular. Fato, aliás, corriqueiro para o psiquiatra que, no entanto, frequentemente insiste em interpretá-lo como ruído indesejável de um sistema de pensamento que busca a certeza. Afirma Tatossian, de modo que pode parecer surpreendente à primeira vista que os métodos do positivismo “...arriscam de **subestimar**, antes que sobrestimar, a eficácia própria destes medicamentos e, em todo caso, de mal diferenciá-la” (Tatossian e Moreira, 2012, p. 127, grifo meu). A profunda apreciação da ação farmacológica se daria, assim, justamente na avaliação das relações entre seu efeito supostamente universal e os aspectos que este assume na particularidade. Mesmo na farmacoterapêutica, terreno de supremacia do positivismo, Tatossian nos alerta para a fragilidade e inconsistência de uma visão cega para a dialética da ambiguidade.

Já com isto se vê que não haverá jamais uma clínica estritamente farmacológica. Há portanto que articulá-la de modo estruturado com a vertente psicológica. Mas como a



clínica surge para o psicólogo fenomenólogo? Longe de um modelo geral dinâmico, a psicóloga Moreira propõe que a psicoterapia é “...fundamentalmente, tentar compreender e fazer compreender o *Lebenswelt*... Como psicoterapeuta, algumas vezes, eu imagino que estou passeando de mãos dadas com meu paciente no seu mundo vivido...sem jamais poder me descolcar do meu próprio *Lebenswelt*” (Tatossian e Moreira, 2012, p. 228). Fusão entre duas posições existenciais encravadas no mundo, a psicoterapia não é a revelação de um mundo oculto a uma consciência universal, mas antes a iluminação setorial de um mundo vivido a dois, limitado e enquadrado pelas condições de possibilidade dessas existências pareadas e mutualizadas no esforço de auxílio existencial. Deste modo, a clínica é uma experiência integral de confluência de estratégias múltiplas visando à polaridade universal-particular, sem nenhuma ambição de resolvê-la. A vida, ela mesma, está sempre mais além do discurso que a enuncia e das leis que a organizam.

Vê-se, assim, que a original associação entre Tatossian e Moreira mantém-se de ponta a ponta coerente com seus pressupostos fenomenológicos, procurando traduzir um mundo ambíguo por meio da construção de uma psicopatologia ambígua, fincada na assunção das polaridades dialéticas como instrumento expositivo fundamental. Psicopatologia fenomenológica, portanto, de primeira categoria, a obra é fortemente recomendável tanto àqueles que procurem iniciar-se na área quanto àqueles que, já iniciados, busquem identificar uma desejável irmandade de espírito, em nosso tempo majoritariamente mecânico e simplista. Apenas se deve lamentar que tão importante trabalho tenha recebido um tratamento gráfico descuidado. Há inúmeros erros e deslizamentos conceituais na tradução, deixando no leitor a impressão de que não se tenha feito uma revisão nem mesmo ortográfica. Que a segunda edição tenha uma forma à altura da obra.

## **Referências bibliográficas**

Burtt, E. (1984). *As bases metafísicas da ciência moderna*. Editora Universidade de Brasília



Jaspers, K. (1959). *Allgemeine Psychopathologie*. Springer Verlag

Jaspers, K. (1960). *Psychologie der Weltanschauungen*. Springer-Verlag.

Lantéri-Laura, G. (1982) Phenomenology and a critique of the foundations of psychiatry.  
In *Phenomenology and psychiatry*. Editado por Koning, A & Jenner, F. Gruen & Straton Academic Pres.

Minkowski, E. (1995). *Le temps vécu*. Presses Universitaires de France.

Minkowski, E (2002). *La schizophrénie*. Psychopathologie des schizoïdes et des schizophrènes. Editions Payot.

Tatossia, A. & Moreira, V. (2012). *Clínica do Lebenswelt: Psicopatologia e Psicoterapia Fenomenológica*. São Paulo: Editora Escuta.